

“Power girls in a 90’s world”

Relembrar as Spice Girls através de uma perspectiva contemporânea limita a compreensão deste que foi um dos mais marcantes fenômenos sócio-musicais da segunda metade da década de 1990. Neste sentido, e com vista a compreendermos o contexto que circunda a criação deste grupo, convém recuarmos vinte anos, até a uma época em que os telefones ainda serviam para fazer telefonemas, a internet não era de todo um dado adquirido nas nossas casas, e a MTV era um canal que, espantem-se, ainda transmitia música e telediscos. Estávamos, portanto, em 1996, ano marcado por intensas mudanças no panorama da música popular anglófona: o grunge e as cantoras associadas ao ideário da “diva”, que teriam dominado a primeira metade da década de 1990, começavam a dar lugar a novas tendências de mercado, através, por exemplo, do crescente sucesso de boysbands como os Take That, Backstreet Boys ou Boyzone. É neste contexto masculinizante das indústrias da música que devemos situar o surgimento e apogeu das Spice Girls, como o primeiro grupo inglês composto integralmente por mulheres a conseguir penetrar com sucesso o mercado norte-americano.

A história deste grupo não é muito diferente da de outros grupos anteriores ou posteriores: as suas integrantes não se conheciam, e algumas nem cantar sabiam. Um casting realizado por uma produtora juntou-as quase por mero acaso, e após meses de ensaios e muitas aulas de canto, estava por fim forjado um produto cultural que impactou fortemente toda uma geração – aquela que ficou apelidada como a “generation next”. As Spice Girls tornaram-se assim numa máquina de produção poderosa e desenfreada, cujo descontrolo acabou por implodir, poucos anos depois da sua criação, com a desistência de Geri Halliwell. Porém, não obstante os cromos que vinham nos chupa-chupas, as máquinas Polaroid, o desodorizante com a marca Spice, ou o desastroso filme *Spice World*, passados vinte anos o legado das Spice Girls pode ser resumido a duas áreas fundamentais: a emancipação das mulheres, e claro, o peculiar catálogo de músicas que nos deixou.

No que respeita ao primeiro ponto, convém lembrar que cada uma das suas integrantes representava diferentes tipologias de feminilidade, devidamente categorizadas por “ginger” (Geri Halliwell), “baby” (Emma Bunton), “sporty” (Melanie C), “scary” (Melanie B) e “posh” (Victoria Adams). Nenhuma delas era modelo, nem obedecia a quaisquer padrões estereotipados de beleza; eram mulheres simples e reais; situação que viria a facilitar o processo de identificação dos seus fãs. Entre jovens, graúdos e adultos, todos queriam ser ou namorar com alguma delas. Enquanto grupo, as Spice Girls faziam uma apologia

a valores relacionados com a emancipação da mulher, repetindo nas suas letras e entrevistas o slogan “girl power” – o mantra que até hoje associamos ao grupo.

No que diz respeito ao seu catálogo musical, será interessante notar que muitas das músicas mantêm-se surpreendentemente atuais. Naturalmente, estas incluem todos os estereótipos que associamos à música popular anglófona: uma forma canção que alterna verso e refrão; e encadeamentos harmónicos que, em muitos casos, não vão além de três ou quatro acordes diferentes. Porém, não é necessariamente nos padrões formais e harmónicos que reside o interesse no catálogo do grupo, mas sim na forma como os motivos melódicos são usados, quer pela voz, quer pelos instrumentos. Tomemos como exemplo o single *Wannabe* que, apesar de estar construído a partir de um simples riff de sintetizador, inclui um enérgico despique vocal entre as várias integrantes do grupo, bem como um dos mais reconhecíveis raps da história da música popular moderna, protagonizado por Melanie B. *Who do you think you are?*, por sua vez, inclui um interessante e dinâmico riff de baixo e de sopros de metal, que causaria inveja a qualquer artista atual. Estamos a falar de músicas que não foram produzidas ou “sampladas” por DJ’s, como é a tendência do panorama musical popular atual, mas sim tocadas por músicos em estúdio. Neste sentido, não deixa de ser curioso que uma das maiores criações das indústrias da música anglófonas – as Spice Girls – soem mais “reais” que grande parte dos artistas em voga em 2016. No fim, ficam histórias sobre festa (*Spice Up Your Life*), sobre família (*Mama*), sobre amor e sexo protegido (*2 become 1*) e sobre saudade (*Goodbye* e *Viva Forever*). Contudo, a temática mais enfatizada é mesmo a amizade (*Wannabe*) – a verdadeira amizade entre cinco desconhecidas que, na incubadora de um estúdio, criaram as Spice Girls. Sempre que estas se fazem ouvir em alguma festa, bar, ou discoteca, a inevitável questão continuará a ser colocada: “qual delas gostavas mais?”. E assim, tal como nos últimos vinte anos, fica certeza de que o legado das Spice Girls perdurará.

O título deste artigo é uma adaptação da letra da canção *The Lady is a Vamp*, editada no disco *Spice World* em 1997 (EMI, Virgin Records). A letra original refere “That’s all in the past / legends built to last / But she’s got something new / She’s a power girl of the 90’s world / And she knows just what to do.”

*Musicólogo, Investigador no Instituto de Etnomusicologia: Centro de Estudos de Música e Dança

